

UM ESTUDO DO FENÔMENO DA RELEVÂNCIA NO DISCURSO PATOLÓGICO ¹

Silvia Elaine PEREIRA

RESUMO *Alguns episódios aparentemente desestabilizadores, comuns ao processo comunicacional, podem ser considerados como sintomas clínicos em casos de afasia e de síndromes frontais se analisados de ponto de vista tradicional pela Neuropsicologia e pela Neurolingüística. Neste artigo procuro, ao estudar o fenômeno da Relevância, explicitar alguns aspectos enunciativos e semântico-pragmáticos que constituem, ao mesmo tempo, os processos da comunicação normal e da patológica. É possível notar que, a partir de uma perspectiva orientada discursivamente, os fenômenos caracterizadores de síndromes afásicas - analisados como “problemas de compreensão” - passam a ter um estatuto diferente quando integrados a processos enunciativos da linguagem por serem “fatos da linguagem” tanto daquela chamada normal quanto da patológica.*

ABSTRACT *Some linguistics episodes semblable destabilized but usual for communication process can be considerate as clinical syntoms in case of aphasia and frontal syndromes if analyzed by Neuropsychology an Neurolinguistic traditional view. In this article mine intent is explicate some of the enounce, semantic and pragmatic aspects that constitute the normal and the pathologic communication process. In stead of the phenomena of Relevance, accord with one perspective orientated by the discourse, these episodes have another statute, the fact of language, for being integrated to enounce process.*

1. EM DISCUSSÃO

Este artigo tematiza o fenômeno da relevância, limitando-se a algumas reflexões possíveis sobre o discurso patológico, em casos de afasia e síndromes frontais. São reflexões sobre a linguagem numa perspectiva teórica que a considera como um

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 15 de abril de 1998, sob orientação da Prof.a Dra. Maria Irma Hadler Coudry.

trabalho, como uma *atividade* que ganha forma na *inter-relação entre sujeitos* (Franchi, 1977).

Várias pesquisas² têm mostrado que a língua oral apresenta estrutura e organização próprias (a organização tópica, fatores supra-segmentais, marcadores discursivos, descontinuidades) e está sujeita a critérios de textualidade (coesão, coerência, topicalidade, contextualidade, referenciação etc) e pragmáticos (implicaturas, leis conversacionais, inferenciação, normas interativas). Ter a língua escrita como parâmetro de avaliação da linguagem de sujeitos cérebro-lesados (ou não), como ocorre na pesquisa clínica, é estabelecer a existência de um falante ideal, sem se levar em conta as características intrínsecas à linguagem oral (Scarpa, 1996).

Os vários fenômenos e processos que estruturaram a oralidade, dentre os quais destaco o fenômeno da relevância tópica, têm como pano de fundo, primeiramente, uma concepção de linguagem como atividade; em segundo lugar, os pressupostos de que há regularidades que evidenciam um sistema de desempenho lingüístico constituído de subsistemas definíveis em função de sua natureza, cuja manifestação se dá no *texto*, onde se apresentam pistas indicadoras das regularidades que caracterizam o sistema de desempenho lingüístico (cf. Kato, 1996:14-15).

Enquadro a presente discussão nas questões relacionadas à oralidade, ampliando-a também para os processos patológicos da linguagem. Ao ser possível analisar as regularidades do desempenho lingüístico (oral) de sujeitos sem lesão, se tomado esse desempenho como parâmetro, quais regularidades são passíveis de análise na linguagem (no desempenho) de sujeitos cérebro-lesados? O que encontramos de instável em algumas patologias “de linguagem” (afasias, síndromes frontais, demências), como as “significações intoleráveis” instauradas pela confabulação (Morato, 1995), nos fazem refletir sobre tais regularidades.

É possível estabelecer fronteiras bem delimitadas entre o que é considerado normal e o texto (oral) produzido no contexto patológico? Alguns casos poderiam nos levar a responder afirmativamente, mas outros exigem um olhar menos determinista para os fenômenos da linguagem. Nem sempre uma digressão, por exemplo, é sintoma de uma patologia. No discurso oral (ou texto oral) há digressões que são incorporadas ao texto conversacional para estabelecer a construção de sua coerência (Koch, 1990). O processo de reconstrução da linguagem dos sujeitos cérebro-lesados pode, ainda, contribuir para a elucidação de processos “normais” da linguagem. A análise dos *mecanismos* lingüísticos e também cognitivos, aos quais o sujeito cérebro-lesado recorre nas atividades dialógicas (nos termos de Bakhtin³) para que o processo interlocutivo produza efeitos de sentido, é que interessa aos estudos da Lingüística e da Neurolingüística.

² Pesquisas relacionadas à descrição da linguagem culta visando a preparação da *Gramática do Português Falado*, projeto vinculado ao Projeto NURC. Refiro-me, particularmente aos trabalhos feitos nos GTs de Organização Textual-interativa por autores como Ingedore G. Villaça Koch, Luiz Antônio Marcuschi, Clélia C. A. S. Jubran, Leonor L. Fávero, e todos os que compõem o sub-projeto citado.

³ “...toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato *de* que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. (Bakhtin, 1992:113). O dialogismo

O trabalho de análise realizado refere-se a atividades que fazem parte da dinâmica do Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Este tem por objetivo o *exercício da linguagem em diversas situações enunciativas com diferentes interlocutores*, lembrando que uma pessoa, ao tornar-se afásica, é, muitas vezes, impedida de exercer seu papel de sujeito da linguagem por causa de suas dificuldades de ordem lingüística ou não.

O CCA funciona em um contexto interativo de linguagem verbal e não-verbal em que há sujeitos cérebro-lesados interagindo entre si e com os investigadores, em situações que nos permitem analisar as condições ou os processos utilizados por estes mesmos sujeitos para se fazerem entender por seus interlocutores. É por meio do processo de interlocução que os que dele participam são instados a serem sujeitos da linguagem.

Isso pode ser significativo se considerarmos que, de acordo com estudos feitos anteriormente (Koch, 1990a; Morato & Coudry, 1992), é no processo interlocutivo que a organização tópica pode revelar a ocorrência de fatos digressivos ou outros analisados como confabulatórios que, a partir de uma perspectiva discursiva para se conceber a linguagem, são interpretados como eventos discursivos, ou seja, como acontecimentos relativos à *reorganização lingüística* dos sujeitos cérebro-lesados e à re-estruturação de sua linguagem.

Há, muitas vezes, fatores enunciativo-discursivos que, se levados em conta na avaliação e na análise de casos de afasia, ajudam a entender o que se convencionou chamar de *problemas de compreensão*. Um de meus interesses é refletir a respeito de fatos e de fenômenos da linguagem considerando *como, por que e em que condições* tais dificuldades podem se apresentar no processo de interlocução.

Por essa via teórica, o fenômeno da relevância pode mostrar, ou apontar, regularidades passíveis de análise da linguagem (no desempenho) de sujeitos cérebro-lesados. Quais regularidades? As que se estabelecem quando um sujeito relaciona as coordenadas de uma atividade ao seu conhecimento de mundo e do sistema lingüístico, ou seja, quando o sujeito relaciona seu saber pragmático e seu conhecimento da língua construídos pela experiência ou vivência deste mesmo sujeito.

Pode-se dizer que, a depender da situação enunciativa os interlocutores vão descobrindo e manipulando regras, vão organizando o sentido e o trabalho que se pode fazer com a linguagem. Por situação enunciativa entenda-se “não as circunstâncias empíricas da produção do enunciado, mas o foco de coordenadas que serve de referência diretamente ou não à enunciação: os protagonistas da interação da linguagem, enunciador e co-enunciador, assim como sua ancoragem espacial e temporal” - Maingueneau, 1995: 121).

Observa-se vários fatores de significação (semânticos, pragmáticos ou semântico-pragmáticos), relacionados aos efeitos de sentido que se quer produzir e várias *possibilidades* de se estabelecer a relevância, que estão de acordo com as intenções comunicativas ou discursivas dos interlocutores. Essas várias possibilidades não são desvinculadas entre si, pois são os interlocutores que selecionam o que é mais pertinente

para cada situação. E, nesse processo, considera-se o conjunto de condições para o estabelecimento da relevância: o sistema lingüístico e suas expressões, fatores contextuais e cognitivos, conhecimentos partilhados, imagem recíproca dos interlocutores e todos os demais fatores que atuam na construção da significação.

É por meio do fenômeno da relevância que um sujeito seleciona o que deve ser considerado em determinadas situações e práticas discursivas perpassadas por um certo conceito de relevância já que esse fenômeno envolve fatores semânticos e pragmáticos que devem ser gerenciados no momento da interlocução para que o sujeito se faça entender pelo outro. A Relevância faz parte do processo de significação e participa das escolhas que um sujeito faz para dar um certo rumo à conversação, por isso relaciona-se também às potencialidades (de dizer, de não dizer - como nas produções de implicaturas, de silenciar) da linguagem.

2. O ESTUDO DA RELEVÂNCIA E DA ORGANIZAÇÃO TÓPICA

Os trabalhos de Grice (1982) e Dascal & Katriel (1979) me instigaram a tentar compreender os mecanismos ou as condições necessárias para que um sujeito seja relevante em um contexto no qual a linguagem é encarada como uma atividade, como um processo construído por um conjunto de interlocutores que estão interagindo.

Dascal (1982) procura explicitar um pouco mais o conceito de relevância, ainda não muito claro na proposta de Grice (a máxima de modo). Segundo Dascal é indispensável distinguir tipos de relevância para explicar a máxima griceana. Dentre esses tipos há o pragmático - que se refere à relevância dos atos de fala que apresentam determinados objetivos (a realização de uma ação). Outro tipo é o semântico - referindo-se à relevância de certas entidades lingüísticas lógicas ou cognitivas, as proposições, para entidades do mesmo tipo, envolvendo conceitos como referência, implicação e sinonímia. Mesmo distinguindo-se os dois tipos, pragmático e semântico, mantém-se uma relação intrínseca entre eles.

Para compreender melhor estas questões que surgiram pelo estudo da relevância na construção de implicaturas, Dascal tenta diferenciar *juízos de relevância* relacionados à enunciação, pois, segundo ele, *um certo conceito* de relevância governa também a operação das outras máximas propostas por Grice para que se possa gerar ou não uma implicatura conversacional, já que o primeiro passo para isso é um juízo de irrelevância (cf. Dascal, 1982:112).

Os dados apresentados a seguir estão relacionados às “infrações” das leis discursivas (Ducrot, 81 e 84), também relacionadas às máximas de Grice, por parte de determinados sujeitos que participam do CCA através do acompanhamento longitudinal dos casos para delinear os contornos explicativos da noção de Relevância.

A natureza das dificuldades de sujeitos cérebro-lesados depende sobretudo da natureza da lesão e o que ela acarreta a cada sujeito, variável também em tipo e grau. Se um sujeito apresenta uma afasia de Wernicke, tradicionalmente vista como um tipo de afasia que prejudica a compreensão, vale pesquisar a maneira como a compreensão é alterada.

O sujeito GC⁴, portador do tipo de afasia referido acima, apresentava dificuldade no engajamento ao tópico conversacional, mas quando “compreende” a atividade, ele é relevante, ou seja faz contribuições relevantes ao tópico no qual ele está engajado (se pensarmos nos termos propostos por Grice).

3. A TEORIA DA RELEVÂNCIA:

Destaco o trabalho de Sperber & Wilson sobre a Teoria da Relevância. Mesmo com fins voltados para a análise da comunicação sem pretensões lingüísticas explícitas, eles estabelecem princípios da relevância que podem dar mais sustentação aos propósitos deste artigo.

Enquanto Dascal mostra uma via explicativa possível para o interesse pela noção da relevância e sua contribuição para os estudos pragmáticos da conversação, Sperber & Wilson definem o conceito de relevância comunicativa. Como Dascal, eles indicam que há uma profunda relação entre o conceito de relevância e elementos cognitivos como a memória, pois é a partir desta última que o sujeito poderá definir o grau de relevância de uma determinada informação para um determinado *contexto*⁵. É necessário que a informação nova produza um certo **efeito**, denominado *efeito contextual*⁶, em um determinado contexto para que a informação seja considerada relevante.

A relevância está relacionada com o que os autores definem como *intenção comunicativa do locutor*. É necessário que os participantes da “comunicação verbal” (op.cit.:prefácio) passem por algumas etapas: primeiramente, o ouvinte (locutor) apresenta uma informação nova, que possa ser associada a alguma informação antiga (ou já dada no contexto atual ou em outro contexto que o interlocutor possa recuperar). Como uma segunda etapa, o que foi dito (a “hipótese comunicativa”) pode ser associado ao novo contexto e deve apresentar algo de novo que modifique sua força argumentativa, não podendo, no entanto - esta é a terceira etapa - entrar em contradição com o contexto dado, nem ser fraca a ponto de não modificar nada (sendo pouco informativa, nos moldes de Grice) no contexto em questão. Se a quebra de uma das etapas descritas puder indicar que o locutor quer mudar de assunto, ela será (pragmaticamente) relevante. Se há um efeito contextual (uma mudança) em um determinado contexto, então, há relevância.

⁴ Esse sujeito começou a participar do CCA em 1994, vindo a falecer no ano de 1998. Deixo meus agradecimentos expressos a ele e a todos os que participam ou que já participaram do CCA.

⁵ “A context is a psychological construct, a subset of hearer’s assumptions about the world. It is these assumptions, of course, rather than the actual state of the world, that affect the interpretation of an utterance. A context in this sense is not limited to information about the immediate physical environment or the immediately preceding utterances: expectations about the future, scientific hypotheses or religious beliefs, anecdotal memories, general cultural assumptions, beliefs about the mental state of the speaker, may all play a role in interpretation.” (Sperber & Wilson, 1986:15-16)

⁶ Modificar e enriquecer um contexto é produzir um certo efeito sobre este contexto - não importando qual o tipo de efeito. Quando fornecemos informações que são repetições de informações antigas, não há nenhuma mudança. O tipo de efeito que nos interessa, resulta da interação entre as informações novas com as velhas.(cf. Sperber & Wilson 1986:109)

Ingedore Koch Villaça (Koch, 1990), ao retomar uma das discussões de Dascal & Katriel (1979) sobre as digressões⁷, analisa a questão do que é *topicamente relevante* para se poder caracterizar a ocorrência ou não de momentos digressivos. Segundo esta autora, a digressão contribui para o estabelecimento da coerência do texto oral, tornando claro algum ponto do tópico em questão, não prejudicando a conversação. A interação é uma “construção dos parceiros” (Koch, 1990) que estabelece não somente a coerência do texto oral mas também de toda situação interativa; o desenvolvimento do tópico é um interesse dos que participam daquela interação e toda informação, por mais digressiva que pareça, pode contribuir significativamente para o texto oral.

Ao tomarmos o conceito de tópico como aquilo sobre o que se fala, incluímos não só o texto oral, nas palavras de Koch (1990), mas a toda a situação enunciativa. O tópico como um critério textual vai sendo construído à medida que o processo enunciativo começa a se constituir; é uma tarefa realizada em conjunto pelos interlocutores e, por isso, leva em consideração a atividade cognitiva (memória, processos inferenciais, percepção etc.) dos sujeitos que estão nesse processo. O saber pragmático próprio para determinadas circunstâncias também deve ser considerado (como agir diante de uma situação de solicitação de emprego, por exemplo).

4. ANÁLISE DE DADOS

O caso de GC foi avaliado pela afasiologia tradicional como um sujeito com “problemas de compreensão”; por meio das práticas do CCA, percebeu-se sua dificuldade em utilizar o saber metalingüístico e seus problemas de ordem semântico-enunciativa. Na prática discursiva em que é analisada sua participação, por exemplo, há a mescla de atividades: dramatização, coordenada por atores, e o manuseio de expressões cristalizadas no discurso cotidiano que deveriam ser suspensas⁸ para o cumprimento da atividade. O que pode ser interessante nesta atividade é o fato de que a questão da relevância não é só abordada quando há digressão ou confabulação, mas também pode fazer parte da análise de outros processos interativos em que a coordenação do saber pragmático está presente.

A vivência de papéis do sujeito em situações comunicativas e na vida real ajuda a desenvolver a dinâmica do CCA e a integração entre os que dele participam. Favorece, também, a reorganização cognitivo-corporal por meio da observação e da reflexão sobre as atividades e atitudes cotidianas. Esse processo, que se dá por meio da observação e da ação, possibilita a ampliação de parâmetros de expressividade e de comunicação dos sujeitos, explorando sua capacidade criativa e desenvolvendo sua linguagem corporal.

As atividades que possibilitam a investigação da expressão corporal ou dos movimentos expressivos, como definiu o ator e investigador José Amâncio, remetem a

⁷ Digressão é um termo utilizado para caracterizar, numa interlocução, um momento desviante ou incoerente na produção oral. É uma ruptura do tópico em curso, que é retomado depois do momento digressivo.

⁸ Seguindo parâmetros bakhtinianos, a atividade em questão deveria ser realizada sob a forma metalingüística, ou seja, utilizando algumas expressões fora do *contexto real* (Bakhtin, 1995:99).

contextos efetivamente vividos. Ao estar, pois, os sujeitos em relação com o mundo social por meio de processos expressivos e interpretativos (lingüísticos e cognitivos), faz-se necessário que eles utilizem estratégias alternativas para se comunicar e significar.

GC, funcionário público aposentado, nascido em maio 1923, casado, pai de cinco filhas, com escolaridade média completa, sofreu, em março de 1993, um acidente vascular hemorrágico (AVCh) na região parietal esquerda, do que decorreu um quadro de afasia posterior, ou afasia de Wernicke.

A atividade de teatro⁹ a seguir foi selecionada da reunião do CCA de 17/04/96, da qual participaram todos os presentes, inclusive os investigadores.

Feito em círculo, o exercício consistia em trabalhar o movimento expressivo dos sujeitos através da entonação ao se proferir uma determinada frase; no jogo havia um sujeito utilizando a frase “foi você” enquanto outro dizia a resposta “eu não” (respondendo aos propósitos do interlocutor de denunciar, perguntar, ou outra forma indicada pela entonação). Os sujeitos deveriam colocar a entonação necessária, dramatizando um para o outro. O trecho a seguir refere-se a uma das etapas da atividade proposta. Meu interesse é comentar a participação do sujeito GC.

1. Ijt¹⁰: quem agora quer sugerir fazer alguma coisa desse jeito, se comunicar com o outro; pode falar qualquer coisa, pode fazer qualquer coisa desse jeito, como é que é? Quem quer fazer?

//Ninguém responde//

2. Ijt: vamos fazer o seguinte, vou dar uma sugestão, vou fazer para o seu OP, vou fazer pra ele, aí o senhor vai falar pra ele *//referindo-se a GC que estava ao lado de OP//* eu vou fazer pra ele

//virando-se para OP//

3. Ijt: foi o senhor! *//apontando o dedo//*, o senhor fala “eu não”

4. OP: eu não *//sinalizando com o dedo//*

//risos//

5. Ijt: agora o senhor fala pro seu GC: “foi você”!

//GC não espera OP lhe fazer a pergunta, sinaliza negativamente com o dedo e ri; todos riem; OP sinaliza para GC esperar e GC diz//.

6. GC: eu também não!

7. Ijt: devagar, deixa ele falar primeiro, deixa ele falar primeiro *//voltando-se para GC//*

⁹ No ano de 1996 iniciou-se no CCA o projeto de expressão teatral, monitorada pelos atores José Amâncio R. Pereira e Ana Maria Souto, com a finalidade de ampliar as possibilidades comunicativas dos sujeitos do CCA. “Este trabalho explora a capacidade criativa, estimula a expressividade corporal, a improvisação, motiva a percepção das ações humanas próprias do jogo dramático - para a recuperação lingüístico-cognitiva dos sujeitos cérebro-lesados acompanhados no CCA.” (*Relatório Parcial do Projeto Integrado em Neurolingüística*, 1997:9)

¹⁰ As abreviações como “Ijt” referem-se aos investigadores participantes. Para diferenciar os investigadores acrescentou-se a primeira letra do nome, ou do apelido com que é conhecido no grupo, funcionando como um tipo de índice, por exemplo Ijt refere-se ao ator José Amâncio (Zezé). A transcrição feita aqui segue as normas propostas pelo Projeto NURC revistas pelo PI para adaptá-las às transcrições mais específicas das sessões do CCA.

8. GC: (eu já falei pra ele) //voltando-se para JB que está a seu lado direito//
9. Ijt: falou
10. GC: eu respondo pro outro ou pra ele? //falando com Ijt, referindo-se a JB que estava ao seu lado direito e a OP, que estava ao seu lado esquerdo - para quem ele deveria responder “eu não”//
11. Ijt: pra ele //apontando para OP//
12. GC: //virando-se para OP// como é que vai você? tudo bem? //esta frase fazia parte da atividade anterior//
13. Ijt: seu GC, o senhor responde “eu não”
//GC mantém-se na mesma frase, repetindo-a em voz baixa “tudo bom, como é que vai o senhor?”//
14. Ijt: foi o senhor? foi o senhor ...
//GC sinaliza positivamente com a cabeça, apontando para si mesmo//
15. GC: foi eu mesmo
16. Ijt: fala “eu não”
17. GC: foi eu mesmo
18. Imc: fala “eu não”
19. Ijt: //pede para GC olhar para outro sujeito que está ao seu lado// foi você! fala pra ele, “foi você”!
20. GC: ele? e você como é que vai? //olhando para Ijt//
21. Imc: não, não, GC, GC fala assim //falando alto//: “FOI VOCÊ”!
22. GC: você quer alguma coisa? //voltando-se para o sujeito ao seu lado que continua a atividade//.”

No trecho acima, percebe-se que GC se mantém ainda no tópico da atividade anterior, na qual se repetia a frase “como vai?” dramatizando-a (ele continuava a repetir a frase “como vai?” mesmo sendo determinado outro conjunto de frases). GC não conseguiu lidar com o “jogo” por não compreender muito bem as regras específicas para essa atividade; ele compreendeu a pergunta mas não a inseriu nas regras do jogo, ou seja, este sujeito realizou uma parte da tarefa mas não aderiu a outra parte. É possível dizer que esse sujeito apresentava dificuldades ao lidar com mais de um sentido co-ocorrendo, o que se percebe no momento em que ele responde à pergunta “foi você?” (linhas 15 a 17), como se aquela fosse a única possibilidade sem outras formas de interpretação em situações diferentes. Quero ressaltar que *“o problema das relações de sentido não estão circunstanciadas apenas ao âmbito das unidades lingüísticas. A construção da significação depende de complexas relações que servem de mediação entre os locutores e a língua, de acordo com instruções que eles interpretam e que orientam a construção do sentido.* (Coudry e Morato, 1990:134)

Percebe-se a dificuldade de GC em lidar com o enunciado do outro (linha 12). Nesse caso, como o estudo do conceito de relevância tópica pode ajudar a explicitar o problema de compreensão que este sujeito apresentava? Em que nível está afetada sua compreensão e como esse conceito pode ser usado para aprimorar o estudo da compreensão? No caso de GC, ser relevante significava manejar as regras do jogo. Como último recurso usado para ser relevante, ele recorreu ao exercício anterior dizendo “e você como é que vai?” (linhas 12 a 17).

Quando este sujeito foi apresentado ao grupo em 1994, houve uma preparação feita pela investigadora para aquela configuração textual. O fato de ele saber que era uma entrevista foi fundamental para que ele manejasse o conhecimento necessário para levar a atividade a bom termo, respondendo às perguntas dos outros sujeitos. Se ele entende as regras do “jogo”, ele as maneja de forma satisfatória, mesmo sendo preciso explicar a ele várias vezes. O problema de não engajamento rápido ao tópico corrente está relacionado aos problemas semânticos, característico de seu tipo de afasia.

É possível chegar à conclusão de que as condições primordiais para o estabelecimento da relevância necessária para a emergência da significação e para a construção do sentido se constituem no processo de dialogia. A atividade apresentada não se tratava apenas de um exercício mecânico de repetição, pois, para realizar o exercício de forma *relevante*, o sujeito teria que compreender o jogo, ou seja, teria que compreender que não se tratava de um contexto enunciativo cristalizado historicamente, mas de outros contextos possíveis pela aplicação da regra. Os sujeitos tinham como tarefa, pois, a produção de enunciados que instaurassem um movimento dialógico próprio, evocando ou não uma resposta do interlocutor, diferenciando-se de outras práticas que fazem parte da dinâmica do CCA.

GC parece aplicar as regras do jogo ao responder “eu também não” (linha 6), no entanto, não espera sua vez para participar do jogo. No momento em que o investigador pede para que ele espere, parece ocorrer uma certa dificuldade para coordenar a mobilidade de papéis e posições enunciativas dessa prática. Quando GC pergunta *eu respondo pra ele?* (linha 10), mostra que entendeu que tal atividade requer a formulação de uma resposta e checka as coordenadas do evento comunicativo, o que seria relevante em uma atividade lingüística cotidiana. No entanto, ele, por ter dúvidas sobre as regras desse jogo, acaba reproduzindo (ou perseverando, em termos neuropsicológicos) a pergunta da atividade anterior

Essas atividades contam com a possibilidade de *deslocamento de posições enunciativas* e de *conhecimento pragmático* que GC não manipulava bem. Soma-se a isto o fato de seu estado anosagnóstico dificultar o contato com os problemas que apresentava, condição patológica que o fazia, muitas vezes, manter-se ligado à atividade anterior, ou seja, manifestar atitudes perseverativas.

Como analisar as dificuldades lingüísticas que caracterizam o quadro geral de GC? Observa-se uma dificuldade de ordem enunciativo-discursiva para aderir ao tópico introduzido pelo interlocutor (Coudry, 1995:16); há, também, a dificuldade de manejar adequadamente as regras estipuladas para esse jogo, o que lhe causadúvidas para saber como agir frente a seus interlocutores, os quais, em outras atividades, podem ter uma função coadjuvante em determinadas situações, como se não houvesse um interlocutor¹¹. Tal dificuldade, para manipular regras desvinculando-as de situações de uso, acaba repercutindo em práticas discursivas nas quais há uma *reflexão sobre a linguagem*, em

¹¹ É interessante recordar que GC apresentava, no início da instalação de seu quadro afásico, uma compulsão para falar sempre do mesmo assunto (sua doença), não importando com quem falava, nem sobre o quê. É como se “seu discurso” fosse constituído só por sua fala (semelhante ao quadro de LN analisado por Coudry, 1986/88).

atividades do tipo *meta*, por ser difícil para esse sujeito fazer o deslocamento enunciativo e contextual necessário.

GC apresentava problemas quando tinha que considerar o que dizia o outro; no entanto, isto não significa que ele não tivesse recursos para lidar com situações dialógicas o tempo todo, como observamos em situações que se referem a questões que lhe interessavam ou que eram de seu conhecimento.

Com esta análise espero ter apontado como o estudo da *relevância*, bem como sua formulação teórica, pode ajudar a explicitar alguns dos problemas de compreensão que sujeitos com tal quadro afásico apresentam. Ou melhor, espero ter discutido um pouco a respeito de uma das maneiras como pode estar afetada a compreensão (ou a intercompreensão, nos termos de uma neurolinguística enunciativamente orientada) e como esse fenômeno se apresenta no funcionamento de processos de significação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1995). **Marxismo e filosofia da linguagem**, SP, Hucitec.
- COUDRY, M. I. H (1995). "Neurolinguística e linguística". In: **Temas em neuropsicologia e neurolinguística, vol. 4**, São Paulo, Tec Art.
- DASCAL, M. (1982). "Relevância Conversacional". In: **Fundamentos Metodológicos da Linguística, vol. IV** (Pragmática), Campinas: Ed. do Autor.
- DASCAL, M & KATRIEL, T. (1979). "Digressions: a Study in Conversational Coherence". In: **PTL, 4**: 76-95.
- DUCROT, O. (1981). **Provar e Dizer**. SP, Global.
- _____. (1984). **O Dizer e o Dito**. Campinas, Pontes.
- FRANCHI, C. (1977). "Linguagem - atividade constitutiva". In: **Almanaque, 5**, SP: Brasiliense, 9-72.
- GRICE, H. P (1982). "Lógica e conversação". In: **Fundamentos Metodológicos da Linguística, vol. IV** (Pragmática), Campinas: Ed. do Autor.
- KATO, M (1996). "Da autonomia teórico-metodológica na pesquisa para uma desejada convergência na concepção do produto". In: **Gramática do Português Falado, v. V**, Campinas: Ed. da Unicamp.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1990). **Les Interactions Verbales**. Paris: Armand Colin
- KOCH, I. G. V. & OUTROS. (1990). "Aspectos do Processamento do Fluxo de Informação no Discurso Oral Dialogado". In: **Gramática do Português Falado, v. I**, Campinas, Ed. da UNICAMP.
- KOCH, I. G. V. (1990a). "A Propósito: Existem Mesmo Digressões?". In: **Cadernos de Estudos Linguísticos, 19**, Campinas.
- _____. (1996). "Estratégias pragmáticas de processamento textual". In: **Cadernos de estudos linguísticos (30)**, Campinas, UNICAMP/IEL.
- MAINGUENEAU, D. (1995). **O contexto da obra literária**, SP., Martins Fontes.

- MORATO, E. M. (1995). **Um Estudo da Confabulação no Contexto Neuropsicológico: o Discurso à Deriva ou as Sem-Razões do Sentido**, tese de doutoramento inédita.
- MORATO, E. M & COUDRY, M. H. I. (1992). "Processos de significação: a visão neurolingüística. In: **Boletim da ABRALIN**.
- SCARPA, E. (1996). "O sujeito fluente". In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos 29**, Campinas: Unicamp.
- SPERBER & WILSON (1986). **Relevance: communication and cognition**. Basil Blackwell.